CORPO E DIVERSIDADE: POSSIBILIDADES ATRAVÉS DA DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

ÉRICA DA SILVA PINTO

SÃO LUÍS
2020

CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

ÉRICA DA SILVA PINTO

CORPO E DIVERSIDADE:
possibilidades através da dança na Educação Física Escolar

São Luís

2020

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

Prof. Dr. Natalino Salgado

PRÓ REITOR DA AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO (AGEUFMA)

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PPGEEB

Prof. Dr. Antônio de Assis Cruz Nunes

ORIENTADOR DA PESQUISA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana

ILUSTRAÇÃO

Débora R. Campos

DIAGRAMAÇÃO

Débora R. Campos

ORGANIZAÇÃO

Érica da Silva Pinto

GRAVURAS

Freepik

CORPOS NA ESCOLA

DANÇAR, PODE?

E VOCÊ DANÇA? COM ESTE CORPO?

O QUE É CORPO?

E DIVERSIDADE?

PARA DANÇAR TEM QUE TER O CORPO PERFEITO?

MENINOS NÃO DANÇAM.

DANÇA É COISA DE MENINA!

MEU PAI NÃO ME DEIXA DANÇAR.

VOCÊ NÃO SABE DANÇAR. VAI FICAR LA ATRÁS.

OS/AS BONITOS/AS NA FRENTE.

Você já se pegou fazendo esses questionamentos ou essas afirmações em suas práticas? E seus/suas alunos/as?

Precisamos ir em busca de respostas. Ninguém vai conseguir solucionar essas problemáticas sozinho/a. Podemos refletir e agir juntos/as.

O CORPO

Paulinho Moska

Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos

Meu corpo sabe que não é dele
Tudo aquilo que não pode tocar
Mas meu corpo quer ser igual àquele
Que por sua vez também já está cansado de não mudar

Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão

Meu corpo vive, e depois morre
E tudo isso é culpa de um coração
Mas meu corpo não pode mais ser assim
Do jeito que ficou após sua educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7

1 INTRODUÇÃO.....9

2 PORQUE DANÇAR NA ESCOLA?.....13

3 CORPO E DIVERSIDADE NA ESCOLA.....20

3.1 Reflexões sobre corpo.....22

3.2 Sugestões de atividades para desenvolver as questões de corpo.....27

3.3 Vamos falar sobre diversidade?.....36

3.4 Sugestões de atividades para desenvolver questões sobre diversidade corporal.....40

4 OUTRAS SUGESTÕES.....44

4.1 Atividades baseadas em outros autores.....44

4.2 Filmes para conversar sobre dança e outras temáticas.....46

3.3 Sugestões de textos.....49

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....54

REFERÊNCIAS.....58

APRESENTAÇÃO

Esta escrita é para você, professor/a de Educação Física. Que, talvez, assim como nós, enxerga a ESCOLA como um ambiente de TRANSFORMAÇÃO. Onde, além de conteúdos formais, é possível ensinar a viver, a conviver e respeitar todos/as que são diferentes de nós.

A escola é um ambiente onde lidamos diariamente com uma grande variedade de corpos. Apesar de todos os aspectos da humanidade, ainda nos deparamos com situações de desrespeito e intolerância às diferenças. Assim, acreditamos que, enquanto educadores, precisamos agir para transformar nosso ambiente, pessoas e até nós mesmos. O bom disso tudo, é que podemos usar nossos conteúdos como meio para essas ações. Isso mesmo, transformar, que é uma ação cada vez mais urgente e necessária. Não existe uma fórmula mágica, mas podemos fazer várias tentativas.

Pensando no respeito às diferenças, que é cada vez mais colocado em pauta, queremos agir e sair da nossa zona de conforto. Desta forma, entendemos que na escola podemos aprender tudo, inclusive dançar. Isso mesmo! Dançar! Mas dançar para que?

Sabemos que desenvolver atividades para abordar esse conteúdo na escola não é uma tarefa fácil. Enfrentamos diversos tabus por parte dos alunos/as. Porém, também compreendemos que a não abordagem desse conteúdo muitas vezes parte dos “medos” embutidos em nós, professores/as.

Em alguns casos, a dança nem está incluída na proposta da Educação Física. Recordando os nossos tempos de escola, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, nunca esteve.

Pensando ainda na fala de colegas professores, percebemos que em muitas escolas, a dança ainda não se

faz presente. Por diversos motivos. Alguns deles são a “falta de afinidade com o conteúdo”, não se sentir preparado/a para a abordagem da dança, a resistência dos alunos. Nas poucas oportunidades da dança na escola, seja em festivais juninos ou datas comemorativas, nem todos os alunos tem acesso, assim, nem todos os corpos são “contemplados” com participação nas apresentações. Porém, pensamos que esse olhar sobre a dança e sobre quem pode dançar deve ser superado. Nas universidades, nas salas de aula da Educação Básica.

Pois bem, este não é um manual elaborado na tentativa de engessar suas aulas. Tão pouco de dizer que este é o jeito certo para abordar o conteúdo dança e todas as suas possibilidades na escola, já que, como já foi dito, a dança também pode ser usada como um meio para abordar outras temáticas relevantes, como o corpo e a diversidade.

No entanto, esperamos que as reflexões e propostas contidas neste Caderno de Orientações te impulsione e te incentive a ver que abordar o conteúdo dança nas escolas e explorar suas possibilidades, além de compreender outras capacidades do corpo, não precisa ser um bicho de sete cabeças. E que pode ser mais prazeroso e útil quando passamos a enxergar a mesma com outro olhar. Com um olhar que vai além de reproduzir movimentos, de procurar “os/as melhores” para colocar na frente ou de montar coreografias para as festividades do cotidiano escolar.

Assim, acreditamos que este material pode contribuir para que mais jovens e escolas tenham acesso a dança como conteúdo formal da Educação Física, e quiçá para atividades fora da sala de aula também, indo ao encontro de reflexões para além do corpo que dança. Para que a mesma possa ser incluída como uma maneira de ensinar para além dos movimentos corporais ritmados através de uma música, possibilitando descobertas acerca do próprio corpo, do espaço e do outro.

Vamos lá?

Fonte: freepik.com

1 INTRODUÇÃO

O querer dançar e não se achar um corpo feito para isso durante boa parte da vida nos fez chegar até aqui. Até a pesquisa de mestrado que resultou neste caderno.

Durante muito tempo, ouvimos falar de corpos perfeitos. Corpos próprios para cada coisa. O corpo da dança, alongado, flexível e leve. O corpo do basquete, alto, sempre alto. O corpo da natação, branco, de ombros largos, mãos e pés grandes. O corpo rico. O corpo pobre. O corpo feio. O corpo bonito. O corpo perfeito!

Acreditamos nestas afirmações durante muito tempo. As diferenças nos afastavam. De grupos, de pessoas, de vivências, de movimentos. Ser diferente não era bom. Era assim na escola e, também, fora dela. Olhares anunciavam: “você não serve para isso. ”

Quantas vezes você já parou para perceber

que uma fala ou um gesto seu pode tornar um corpo um esconderijo e não um instrumento de fala?

Quantos de nossos alunos não se permitiram experimentar algo, por não se acharem aptos ou adequados para isso ou aquilo?

A diversidade de corpos está em todos os lugares. Inclusive na escola. E precisamos saber ou aprender a lidar e trabalhar com as diferenças. Precisamos desconstruir a ideia de que este corpo serve para isso e aquele corpo serve para aquilo. Os corpos podem servir para o que quiserem. Somos todos corpos capazes com capacidades e formas diferentes.

A diversidade corporal deve ser aproveitada de uma maneira mais positiva na escola. Possibilitando aos alunos e alunas se enxergarem como corpos diferentes que se complementam, não como corpos que competem sempre. Quem é o mais forte? O mais rápido? O mais bonito? O mais inteligente? Inteligente pra quê?

Combater as diferenças como algo negativo é uma tentativa de ajudar seus alunos a não verbalizar coisas como: “Professor/a não vou dançar porque eu não consigo. ” “Não uso a farda de educação física porque sou muito gorda. Posso ficar aqui sentada? Eu faço uma atividade” “Dançar é coisa de menina professor/a.” “Meu corpo não foi feito para isso. ” “Eu nem sei para onde vai a dança. ” “Não tenho ritmo”

É possível fazê-los compreender que ser diferente das outras pessoas não é um problema. E que cada corpo pode escolher o que pode ou não fazer. Que ser diferente é uma forma de complemento. Não deveria servir para distanciar ou tão pouco qualificar ou desqualificar as pessoas.

Dançar é para todos, independentemente de suas características. Principalmente quando pensamos em dança na escola. Que é (ou deveria ser) um espaço de (des) construção e transformação de pessoas, para além de conteúdos formais, fórmulas e conceitos.

Assim, aqui será possível encontrar trechos para discutir corpo e diversidade na escola, com e através da dança. Permitindo refletir sobre temáticas relevantes e necessárias para serem faladas também no interior das escolas.

Além das reflexões sobre corpo e diversidade, apresentaremos sugestões de atividades para desenvolver a temática, um quadro com indicações de filmes com a classificação e alguns comentários, atividades baseadas em outros autores e alguns livros que poderão contribuir na sua construção sobre essas temáticas. As atividades propostas neste caderno contemplam todos os corpos. São possíveis para todos. As mesmas foram inspiradas em atividades propostas contidas em outras obras, com algumas modificações.

Tudo o que nos permitiu chegar até este caderno

é baseado em nossas vivências enquanto alunos/as e professores/as, mas, principalmente, enquanto corpo. Que sempre quis dançar e só conseguiu fazê-lo sem plateia. Primeiro dançávamos escondidos em casa, depois fomos para a escola e mesmo lá, nossos corpos não dançaram. Fomos para a Universidade, vivenciamos a dança, bailamos nas aulas e nossos corpos sentiram a imensidão do que pode ser o dançar. Fomos para a escola. Descobrimos outra realidade, agora como professores/as. Inquietamo-nos. Voltamos para a Universidade. Investigamos, construímos nossa dissertação e conseguimos chegar a este material.

Pisamos o chão da escola, vimos e ouvimos muito. E todas essas experiências nos inquietaram e nos permitiram dialogar e chegar até aqui, que acreditamos ser nem a metade do caminho.

Fonte: freepik.com

2 PORQUE DANÇAR NA ESCOLA?

A dança é conteúdo formal da educação física e como tal, deveria estar incluída no planejamento de todo/a professor/a. Dançar pode ser frustrante para uns, porém, não podemos passar uma borracha no poder transformador que o movimento possui.

Refletindo sobre várias falas ditas em nosso contexto, nos deparamos com as mais diversas justificativas para o não ensino da dança na escola. “Não ensino dança porque não sou bailarino (a)”; “Não coloco dança no meu planejamento porque meus alunos não gostam de dançar”, “Não abordo dança nas minhas aulas porque os esportes com bola são mais atrativos, os alunos sempre querem futebol e as alunas queimado”. Marques, (1997, p.21), neste sentido diz que:

> Apesar de na era do “politicamente correto” falarmos de pré-conceitos possa parecer

coisa do passado, ou até mesmo assunto repetitivo e maçante, o ensino da dança ainda é recoberto por esta densa camada de pensamentos e ideias em relação à sua "natureza". O forte pré-conceito em relação à dança é um motivo, inclusive, para muitos professores (as) darem outros nomes às suas atividades com dança ("expressão corporal", educação do/pelo movimento, "arte e criação", "movimento e criação", etc) que, em última instância, mascaram suas intenções e, ao mesmo tempo, permitem que um número maior de alunos (as) tenham acesso a ela.

Quantas vezes modificamos nossas falas por medo de que nossa aula não desse certo? Quando a temática em questão é a dança, percebemos ainda ideias preconceituosas e resistência.

Estamos educando para quê? Para robotizar corpos e mantê-los? Para formar pessoas capazes de mudar sua visão de corpo (seu e do outro) e de mundo? Que possam se apropriar da dança para fazer diferente ou para fazer a diferença?

Marques (2011) diz que os corpos que dançam são potenciais fontes vivas de construção, reconstrução e transformação do cotidiano. Que os corpos dos (as) alunos (as) que dançam são mais que uma matéria em movimento, são ideias, percepções, atitudes e comportamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo. Assim, acreditamos que

os corpos que dançam possuem um potencial transformador absurdo. E que cabe a nós enquanto educadores (as) estimular esses potenciais, permitir que se descubram, que descubram também o outro, enquanto corpo e mundo.

Quando falamos em dançar na escola, não nos referimos ao ato de ouvir uma música e sair se movimentando pelos corredores. Nos referimos a dançar e ensinar/aprender algo com/através da dança.

> A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir d pressupostos de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torna-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento. (SCARPATO, 2001, p. 59).

A dança é compreendida como uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal humana, é um meio de manifestação de um povo, sua emoção e comunicação. A Dança faz parte da construção cultural da humanidade e por assim ser, constitui o acervo das práticas corporais que hoje são entendidas como os conteúdos da Educação Física escolar. Neste sentido, integra os elementos pertencentes à cultura corporal, no entanto, ainda possui

pouco espaço no ambiente escolar (GASPARI, 2004). A dança como uma linguagem expressiva, deveria possibilitar outros conhecimentos sobre o mundo, sobre nós mesmos e sobre os outros.

Logo, como ressalta Almeida (2016), quando pensamos em dança na escola, devemos compreender que neste espaço a dança deve ser inserida com objetivos para além dos espetáculos, uma dança que não aprisione o movimento, mas liberte a imaginação, a expressão e a criatividade. Que utilize ações básicas do cotidiano e suas combinações (girar, saltar, andar, torcer), querendo um conhecimento mais amplo das possibilidades que temos de movimento, do espaço e da consciência corporal. A autora encerra falando que a dança na escola, deve possibilitar o brincar com o corpo, o conhecer-se, conhecer o outro e o meio que o cerca.

Pensando na dança como meio de educação, chegamos a *Rudolf Von Laban,* bailarino e coreógrafo, principal representante do que foi chamado de “dança educativa” ou “dança-educação”.

Marques (2011) afirma que as propostas de *Rudolf Laban* expressavam uma preocupação em fazer do ensino da dança um meio de desenvolvimento das capacidades humanas de criação e expressão, onde objetivava uma educação essencialmente através da dança. Educação esta

que nos levava a entender a dança como algo que pode fazer com que:

> Sejamos capazes de experimentar relacionamentos nos quais a consciência do eu e dos outros é realçada. O sentimento de alegria que a dança dá nos ajuda a nos harmonizarmos e a ganharmos um incrível sentimento de pertencer. Se no nosso ensino tivermos ajudado as pessoas a enfrentar o medo e a conquistar confiança para se comunicar livre, sensível e imaginativamente; se sentirmos que possibilitamos que [os alunos] se tornem, mesmo em pequena escala, conscientes de seu potencial e dos outros, então teremos atingido sucesso. Este sucesso a justificativa de uma educação através da dança. (MARQUES, 2011, p. 78).

Rudolf Laban utilizou amplamente essa nomenclatura quando falava de seu trabalho educacional na Inglaterra. Ainda segundo Marques (2011), até hoje, quando se quer dizer que a aula de dança segue a linha de pesquisa de Laban, o termo “dança educativa” é colocado a frente e que, provavelmente, é baseado em seu livro publicado em 1948, “Dança Educativa Moderna”. A autora ressalta ainda que o termo foi usado em contraposição a mecanização de que se apropriava o ensino do balé clássico na época.

Merleau-Ponty (1975) fala sobre corpo encarnado. O corpo que observa todas as coisas e se move no mundo,

ancorado na consciência de si mesmo. Com isto, podemos dizer que o corpo que dança na escola não deverá ser tratado como um reprodutor de movimentos mecanizados. Assim, a corporeidade deve ser entendida como um conjunto de significados vividos pelo corpo. Pois ao "ser-corpo" eu não reúno minhas partes uma a uma, elas são o meu corpo, eu estou em meu corpo, sou meu corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

> Estes novos olhares propõem compreender o ser humano na sua totalidade, da individualidade do corpo-sujeito ao corpo coletivo social-cultural, da animalidade à humanidade, do ser micro ao ser macro, vivendo neste planeta e estabelecendo relações com o cosmos. Assim, ao falar-se de corpo (aquele que dança na escola), nos referimos a esta totalidade e não a uma visão fechada e fragmentada do ser humano, pois na visão da Corporeidade, o corpo não é objeto para um "eu penso" apenas, mas para um eu sinto, penso, atuo, vivo e me relaciono. (MILANI, 2015, p. 92).

Assim, ressaltamos a importância de pensar que tipo de dança você quer na escola. Que dança você apresentar a seus/suas alunos/as? A dança que mecaniza ou a dança que liberta? Que amplia os horizontes ou a que limita?

Cabe a nós pensarmos se queremos ver em nossos alunos corpos capazes de se expressar ou corpos

que apenas se escondem. Cabe a nós compreendermos que podemos ajuda-los, também, nesse sentido. De descoberta de si mesmo, do outro e do ambiente em que vivem.

Para saber mais:

ENSINO DA DANÇA HOJE: textos e contextos – Isabel A. Marques

Para saber mais acesse:

www.portalanda.org.br

www.cooperacdanca.org

https://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm

Fonte:freepik.com

3 CORPO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Você já parou para pensar que a diversidade corporal faz parte do nosso cotidiano? Na escola e fora dela. Estamos preparados para (con)viver diariamente com todas as diferenças e diferentes que nos cercam?

Quantas vezes você já se pegou pensando ou verbalizando algo sobre as características de alguém na escola? Seja colegas de trabalho, alunos ou demais atores do cotidiano escolar. Nós costumamos dar atenção a características de outras pessoas e nossas mesmo. Geralmente as nossas, são aquelas que não nos agradam. Porque não nos agradar de algo que é nosso? Que nos diferencia, nos caracteriza. Porque nos incomodar de algo que diferencia e caracteriza o outro?

Afinal, estamos educando nossos alunos para as diferenças ou para que tentem a todo custo se igualar? Leia-se igualar no sentido de se sentir parte de algo. Geralmente

de algum grupo. Se encaixar. Se sentir no “mesmo patamar”. E os jovens, acredite, costumam fazer muito para ser parte de algo. Até mesmo transformar-se em quem não são. Quatorze anos em sala de aula como aluno (a) nos mostra isso de várias formas.

As diferenças, na escola ou fora dela, deveriam fazer a diferença. Deveriam ser complemento. O que falta em mim, está em você, então nos ajudamos. Pode parecer até meio utópico, mas acreditamos que educar para as diferenças perpassa por, primeiramente, você, enquanto professor (a) acreditar que o seu trabalho é transformador. Suas aulas podem ensinar para além dos conteúdos formais. Segundo: ver seus/suas alunos/as como seres humanos diferentes e conseguir fazer com que todas essas características se complementem em sala de aula. É fácil? Nunca dissemos isso, porém, acreditamos ser possível.

Ter o corpo diferente ou fora do padrão estipulado socialmente, não deveria ser motivo para excluir ninguém. Seja de uma aula de dança ou da prática de qualquer outra atividade física/esportiva. Isso vale para a escola e para todos os lugares fora dela também. Mas nós sabemos o que de fato acontece. Durante algum tempo, nós professores fomos excluídos, agora nós (intencionalmente ou não) excluímos.

Excluímos os gordinhos nas equipes esportivas. Eles cansam rápido, nós queremos vencer! Na dança?

Queremos corpos alongados e boa postura! Para competir na escola tem que ser bom/boa! Então vamos escolher os melhores. Ensinar do zero não dá. Para as aulas de dança, só as meninas, por favor. Não queremos meninos dançando aqui. Ainda mais se forem “afeminados”!

Essas frases (não se surpreendam), já foram ouvidas em locais onde a educação é o foco. Várias vezes.

E diante de todo esse cenário, enquanto professores/as questionamos: QUAL É O NOSSO PAPEL NA ESCOLA? Educar para as diferenças ou reforça-las como algo que limita e diz quem sim e quem não?

As diferenças realmente fazem a diferença na sua escola?

3.1 Reflexões sobre corpo

O que é o corpo? Quem são os corpos na/da escola? Quais são os corpos que dançam na escola? É possível que tantos corpos diferentes possam estar no mesmo espaço de forma respeitosa e colaborativa? E quais são os corpos que não dançam na escola?

O corpo e o movimento, mesmo sendo valorizados nos processos educativos, ainda são tratados como elementos acessórios na formação humana (NÓBREGA, 2005). Percebemos durante algum tempo que quanto mais nossos alunos avançavam em relação as séries na escola, mas se

distanciavam das práticas esportivas, por exemplo. Porque eles começavam a receber uma cobrança, principalmente em relação ao vestibular. Com isso, acabavam optando por apenas se dedicar aos estudos e muitos acabavam abandonando as práticas esportivas. No Ensino Médio então, essa evasão das atividades era bem mais frequente.

Se pensarmos em nossas experiências enquanto alunos/as, diríamos que: passar no vestibular é mais importante que se movimentar, não dá para fazer os dois; nem todos os corpos são percebidos na escola; não é possível que tantos corpos diferentes estejam no mesmo lugar e somente coisas boas aconteçam. Se nos colocarmos como professores/as, o que muda é o fato de compreendermos que podemos agir para que essa realidade seja melhorada.

Para alguns o corpo é local de fala, para outros, esconderijo.

Nóbrega (2005) afirma que de modo geral, a compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante. Porém, suas reflexões buscam apontar outros caminhos de compreensão do corpo na educação, tentando superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas. Assim, destacamos a necessidade de compreender o corpo para além da anatomia e fisiologia humana, na escola e fora dela, um como sujeito e não objeto, que traz e absorve conhecimento.

Podemos formar pessoas que sejam capazes de compreender que “no movimento dos corpos, podemos fazer a leitura, com lentes sensíveis, dos aspectos visíveis e invisíveis do Ser, do conhecimento e da cultura” (NOBREGA, 2005, p.609).

Esse corpo que se comunica de variadas formas é mais que um amontoado de matéria, que nasce, cresce, reproduz e morre. O corpo é lugar. De fala, de cultura, de experiências, de sentimentos, de vida. Movimentar-se é também falar sobre tudo isso.

“No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”. (DAOLIO, 1995, p. 105). Assim, firmamos o pensamento de que o corpo é o nosso “*outdoor*” no mundo. Que vez ou outra, através de gestos e expressões diz muito ou tudo sobre a gente.

> Pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Desse modo, precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. (NÓBREGA, 2005, p. 610).

O corpo é também lugar de dúvidas e inseguranças. Podemos dizer que essa construção negativa é resultado do que absorvemos dos ambientes que frequentamos. Assim, nossa imagem corporal é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida. Por nós mesmos e pelos outros.

Quem nunca acordou e se sentiu a pessoa mais linda do universo? Ou ao se olhar no espelho acabou se avaliando e achando que deveria mudar muitas coisas em seu próprio corpo? Porém, sabemos que nem sempre essas inquietações surgem aleatoriamente. A opinião dos outros conta muito para algumas pessoas. Assim, acabamos sendo afetados com frases como: “Nossa, você engordou?” “Tá magra/o demais. Está doente?” “Você ficaria mais linda/o de cabelo liso.” “Ai, essa cor não combina com você.” “Você ficaria linda/o se seu nariz não fosse desse jeito.”

E assim, a sociedade constrói corpos inseguros e infelizes com a própria imagem.

E isso também é corpo. Somos afetados pelo meio em que vivemos e pelas pessoas que dividem os espaços conosco. Essa influência é uma via de mão dupla, porque nós também a exercemos sob as outras pessoas e ambientes dos quais fazemos parte.

> [...] hoje vive-se a revolução do corpo, valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, exercício

> físico, têm reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, mas mais narcísico e hedonista no que diz respeito à experiência do corpo. (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 32).

Pensamos nesse contexto de mudança de comportamento e revolução de corpos de uma forma até contraditória.

Muitos discursos de aceitação do outro e de suas diferenças, porém, os comportamentos da vida real não demonstram o mesmo, ainda vivenciamos e testemunhamos cenas de desrespeito e diminuição do outro, pelo simples fato de ser diferente do que é colocado/imposto como padrão.

Para leitura e reflexão:– *Diana Milstein, Héctor Mendes.*
CORPO E EDUCAÇÃO: desafios e possibilidades – Filomena de Carlo S. Fabrin et al.

O que estamos fazendo com/aos nossos/as alunos/as e com nós mesmos? Estamos educando corpos para a vida, ou apenas mentes que passam em vestibulares e concursos?

Para Merleau-Ponty, nosso corpo é pleno de subjetividade, podemos chegar ao conhecimento e tomar

decisões na vida. "... não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca" (Merleau-Ponty, 1999, p. 95).

Assim, nos perguntamos que visão nossos alunos têm de corpo. Se seus corpos são encarados como uma totalidade, como afirma Merleau-Ponty, ou se percebem e enxergam apenas fragmentos de si. Partes que atuam de forma independente.

A seguir, iniciaremos um bloco de sugestões de atividades, onde poderemos inserir a temática corpo. Onde para além do movimentar-se, discutiremos com nossos alunos o corpo que se movimenta, a compreensão que eles têm de corpo (do seu e do outro).

As atividades propostas, contemplam todos os corpos presentes na escola. Lembre-se: todo corpo é capaz de produzir movimento. Cada um a sua maneira, com suas digitais corporais.

3.2 Sugestões de atividades para desenvolver as questões de corpo

Esta atividade foi inspirada nos escritos de MILANI (2014) O CORPO QUE DANÇA NA ESCOLA.

VIVÊNCIA 01 – EU E MEU CORPO – Aqui trabalharemos a percepção de corpo. O primeiro momento é decisivo, segundo

Milani (2015), é preciso contextualizar a aula, encantar e gerar significado. Portanto, prepare-se para provocar seus alunos, quanto a percepção que eles têm de seus próprios corpos.

Material: Usar música ou não é uma opção sua (porém, indicaria músicas instrumentais que inspirem calmaria), colchonetes (caso não tenha colchonetes, solicite que seus alunos levem uma toalha, para que possam deitar ou sentar no chão do espaço disponível).

> Consideramos importante essa tentativa de aproximar os alunos de seus próprios corpos. Para que se percebam para além do que veem no espelho. É importante que você avise com antecedência, se precisar que os alunos levem algum material, como toalhas para substituir colchonetes. Avise também que no encontro desta aula, eles irão ficar descalços, para que não haja algum tipo de constrangimento.

Você pode iniciar esta atividade lançando perguntas simples como: vocês conhecem todas as características de seus corpos? Conseguem perceber seus tamanhos, pesos, temperaturas, batimentos cardíacos? Peça para que reflitam sobre suas respostas, enquanto pensam, podem tirar os sapatos e deitar nos colchonetes ou toalhas.

Neste momento, você irá solicitar que fechem os olhos, colocará (ou não) uma música suave e solicitará os seguintes passos:

1- Com os olhos fechados, se concentrem em suas respirações. Respirem fundo e lentamente, encham os pulmões de ar e soltem devagar.
2- Repitam, porém, desta vez, utilizem a barriga.

Coloquem as duas mãos sobre a barriga e como se ela fosse um balão, encham de ar e depois esvaziem.

3- Continuem respirando lentamente e se concentrem em seus batimentos cardíacos, percebam se está lento ou mais acelerado.
4- Ainda deitados, massageiem seus rostos, utilizando as pontas dos dedos.
5- Sentem e massageiem suas pernas, seus ombros e seus braços (um de cada vez).
6- Girem lentamente suas mãos, depois os pés, em sentido horário e depois anti-horário.
7- Girem lentamente suas cabeças, em seguida virem os rosto lentamente para esquerda e depois para a direita, para baixo e para cima.
8- Ainda sentados, deslizem as mãos sobre as penas até tocar seus pés (quem não conseguir, vai somente até o seu limite).
9- Ainda sentados, tentem alinhar a coluna e levantem os dois braços, como se alguém estivesse puxando-os para cima.
10- Deitem novamente, criem diferentes expressões e posições do corpo, como se fossem estátuas esquisitas.

Essas instruções podem variar de acordo com o seu público, é importante manter a ideia do/a aluno/a com seu próprio corpo. Sem contato com os demais inicialmente.

Fonte: freepik.com

Explore mais:

Ao final desta atividade, você pode trocar a música e pedir que os alunos desenvolvam movimentos baseando-se na atividade anterior. Simulando uma dança suave. Todos ao mesmo tempo. Sem comandos. Cada um à sua maneira. Aqui você já inicia a percepção do EU, MEU CORPO E O ESPAÇO.

Para encerrar, você pode solicitar que formem um círculo. Retorne aos questionamentos iniciais para provocar as discussões.

Atividade inspirada nos escritos de ALMEIDA (2016) no livro QUE DANÇA É ESSA?

VIVÊNCIA 02 – EU, MEU CORPO E O CORPO DO OUTRO – Ainda na perspectiva de percepção corporal, aqui colocaremos em foco a percepção do outro e esta relação com outros corpos.

Material: Giz de cera; papel 40kg.

Cole folhas do papel para que fique do tamanho que caiba os alunos. Divida seus alunos/as em trios e distribua o giz de cera.

Peça que um dos alunos do trio deite sobre o papel em uma posição que identifique algum estilo de dança a sua escolha, os outros dois terão que fazer o contorno com o giz. Eles poderão preencher os desenhos com detalhes que percebem no corpo que foi contornado.

Quando finalizarem, prendam os desenhos nas paredes e proponha que cada trio exponha reflexões sobre o corpo contornado no papel. Podendo iniciar com alguns questionamentos como: Vocês se imaginavam desse tamanho? Da para saber de quem é o corpo apenas olhando o contorno? E se olharem os detalhes colocados no desenho, dá pra saber de quem são? Que estilo de dança essa figura representa?

A partir disso, podemos iniciar uma roda de conversa sobre como a imagem corporal muda quando parte de nós ou dos outros. Sobre o que nos diferencia e o que nos aproxima enquanto corpo. Sobre como somos particulares, diferentes uns dos outros, como somos especiais em nossas diferenças. Como somos únicos.

Sugestão: Seria interessante aplicar um questionário antes de iniciar os estudos sobre corpo, para compreender como os alunos entendem essas questões e a partir das respostas, elaborar seu plano de ação.

Atividade inspirada em um momento da oficina de fotografia, intitulada “AARTE DO CORPO INSPIRADOR”, que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA 03 – EU, MEU CORPO, O CORPO DO OUTRO E O ESPAÇO – Aqui, além da percepção corporal e espacial, introduziremos a abordagem dos elementos da dança segundo Laban, que são importantes para a construção do dançar. Aqui trabalharemos a perspectiva de espaço e tempo. Enfatizando as direções (para frente, para trás, para os lados), trajetórias (reta, curva, zigue zague, circular), cadência (rápido, lento) e percepção do ritmo.

Material: Caixa de som, músicas variadas ou algum instrumento musical (pandeiro, tamborim, reco-reco...)

Tentaremos fazer nossos alunos compreenderem que o dançar está relacionado a transformação que propomos aos nossos corpos. Quando dançamos nos transformamos em algo. Pode ser uma mensagem, um sentimento, um animal, um outro alguém... vai depender do que queremos que nosso corpo fale.

Você colocará músicas (de ritmos variados) e pedirá aos alunos que circulem pelo espaço (sala, quadra, pátio...) tentando se movimentar de acordo com o ritmo que estiver tocando. Você pode variar os comandos e pedir que se movimentem em diferentes direções (para frente, para trás, lateral e diagonalmente), na ponta dos pés, utilizando os calcanhares, lateral interna ou externa dos pés e em diferentes trajetórias.

Inicie individualmente, depois solicite que formem duplas e ao longo da atividade, introduza um comando para que troquem os pares. Pode ser um sinal ou algum tipo de som, fica a seu critério.

Você mudará a música com uma determinada frequência, para que eles tentem seguir o ritmo, caso esteja utilizando um instrumento musical, varie o ritmo, batucando mais forte, mais fraco, mais lento ou mais rápido.

Poderá utilizar outros comandos e pedir que os corpos se transformem em determinadas “coisas”, assim, quando você der o comando, eles terão que modificar seus corpos e assumir uma postura de acordo com o que foi solicitado. Exemplo: um balão bem cheio, um bebê aprendendo a andar, uma bailarina triste, um dinossauro, seu super-herói favorito. Esses comandos devem ser pensados previamente, comece por algo mais simples e evolua para uma representação mais complexa.

Ao final, você pode provocar uma discussão sobre como eles/as perceberam a ideia de mudança de intensidade, velocidade e direção. Pontuando e diferenciando neste momento, estes elementos e relacionando-os com movimentos que eles reproduzem no dia a dia.

Atividade inspirada em MILANI (2015) O CORPO QUE DANÇA NA ESCOLA e em um momento da oficina de fotografia, intitulada “A ARTE DO CORPO INSPIRADOR”, que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA 04 – MEU CORPO FALA – Aqui, vamos desenvolver elementos como alturas ou níveis (alto, médio ou baixo), peso (quantidade de energia consumida no movimento, que segundo Cone (2015), pode ser forte como aquela que empregamos em um suco ou leve como um movimento de flutuação. Lembre-se: antes de tudo contextualize a aula. Os elementos deverão ser explicados anteriormente para que sejam percebidos.

Material: caixa de som e músicas variadas.

Aqui, você desafiará seus alunos a contarem uma história sem usar a linguagem verbal.

Você pode trabalhar com temas ou deixar livre, para que os alunos escolham.

Vamos aquecer? Inicie solicitando que se movimentem pela sala, andando, ocupando todo o espaço, mudando de direção e em diferentes trajetórias. Você colocará músicas de diversos gêneros e pedirá que eles se movimentem e façam com que seus corpos transmitam o que sentem através da música (alegria, tristeza, medo, raiva). Cada vez que você parar a música eles terão que parar como estatuas, transmitindo algum tipo de sentimento, escolherão

um nível (alto, médio ou baixo) e se essa parada será forte, brusca ou leve, suave.

Em seguida, você dividirá seus alunos em pequenos grupos. E de acordo com o tema, cada grupo vai elaborar uma apresentação, onde deverão contar uma história utilizando apenas a linguagem corporal. Eles poderão usar música ou não para apresentar sua história. Você pode definir o tempo de apresentação, para que não fique tão cansativo. Sugiro de um minuto e meio a dois minutos.

Sugestão de temas:

1- Cinema
2- Violência contra a mulher
3- Amor
4- Amizade
5- Família
6- Preconceito
7- Drogas
8- Tecnologia
9- Infância
10-Circo

Após a apreciação das criações dos alunos, você poderá provoca-los quanto ao que pode ser discutido a partir da dança. Relacionando os temas abordados com a expressão corporal, criação de gestos e a própria construção da dança.

3.3 Vamos falar sobre diversidade?

Quem é bonito? Quem é feio? O que é ser normal? Esse cabelo é mais bonito? Quem dita essas regras? Porque acreditamos/seguimos essas imposições?

> Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. (SALLES; SILVA, 2008, p.150).

Rangel (2013) diz que sentir-se desigual pode ser um modo de se enxergar menor, fazendo uma comparação com os demais e aceitando a ideia de superioridade e normalidade. O que acaba justificando um autoconceito inferior, afeta a autoconfiança e a autoestima, o resultado disso é uma contaminação da saúde física, psicológica e emocional.

Somos tão diferentes, penso utopicamente que isso deveria ser muito normal. Mas só penso. Bem cedo descobri que não era bem assim. Muitos descobrem isso das piores formas. Sentir-se desigual é desconfortável e pode gerar efeitos negativos para uma vida inteira. Efeitos

que debilitam a saúde, o equilíbrio de nossas emoções em dimensões significativamente trágicas, nos levando a avaliações negativas sobre nós mesmos.

Rangel (2013, p. 20), diz que:

> Até mesmo o silêncio, o medo, a invisibilidade podem tornar-se opção de quem se sente desigual" e não quer ser notado, porque, ao ser notado, sua forma de ser também será evidenciada e, com ela, o seu valor social menor e a sua exclusão, em seus vários tipos e processos violentos.

A escola é um ambiente onde as diferenças se encontram em suas mais variadas formas. Assim, os julgamentos que incluem conceitos e preconceitos estão sempre presentes. Como aluna foi assim, como professora continua sendo. É importante dizer que as atitudes de julgamento não partem apenas dos/as alunos/as.

> Muitas vezes os jovens nas instituições escolares são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens. Quando os indivíduos são reduzidos aos estereótipos a sociedade constrói teorias ou ideologias para explicar essa diferença e justificar a discriminação. (SALLES; SILVA, 2008, p.156).

Para leitura e reflexão:

A ESCOLA DIANTE DA DIVERSIDADE – Mary Rangel (Org.), Marcio Caetano e Jonas A. da S. Júnior.

DANÇA E DIVERSIDADE HUMANA – Rute E. Tolocka, Rosangela Verlengia e colaboradores.

DIFERENÇAS, PRECONCEITOS E VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR: ALGUMAS REFLEXÕES – SALLES E SILVA, 2018.

Então o que faremos ou poderemos fazer a respeito? Julgar? Ficar apenas observando porque não temos nada a ver com isso?

Enquanto educadores/as, também temos responsabilidades para além dos conteúdos. Isso inclui enxergar nossos/as alunos/as de forma mais humana. E se der, porque não intervir? Ajudar a amenizar dores, resolver conflitos, tornar a convivência mais saudável para todos/as.

Somos plurais, diversos. É isso que nos caracteriza, nossas diferenças. Somos únicos/as. Isso não deveria ser encarado como algo ruim. Ainda Rangel (2013), afirma que “no real, o que se encontra é, sobretudo, o valor da pluralidade que caracteriza os ambientes e as relações sociais”.

> O que destoa, o que agride essas relações são atitudes que humilham, que desmerecem o outro e prejudicam sua autoestima. É esse movimento externo

> de exclusão e rejeição que desencadeia o movimento interno correspondente, pelo qual o sujeito excluído também se exclui e atribui a si próprio a sua menor valia social. (RANGEL, 2013, p. 26).

Dessa forma, a autora ainda diz que em decorrência de manifestações preconceituosas, explícitas ou não, as pessoas podem se sentir inferiores, desiguais e se colocarem em situações de exclusão em diversos aspectos: étnico-raciais, socioeconômicos, culturais, de gênero, religiosos, de longevidade, além dos aspectos cognitivos e físicos que as caracterizam.

Ser diferente não deveria ser um problema para se colocar à disposição para tentar fazer algo. Nem deveria ser motivo para excluir alguém de qualquer tipo de atividade, seja na escola ou fora dela.

As diferenças de seus/suas alunos/as fazem diferença para você? Ou elas podem ser usadas de forma complementar? Contribuindo uns com os outros e compartilhando suas experiências e seus saberes.

A seguir, disponibilizaremos mais um bloco de atividades, que, desta vez, podem ser desenvolvidas para falar, também, de diversidade corporal. Destacamos, mais uma vez, que, todas as atividades são possíveis para todos os corpos.

3.4 Sugestões de atividades para desenvolver questões sobre diversidade corporal

Atividade inspirada no livro de ALMEIDA (2016), no livro QUE DANÇA É ESSA?

VIVÊNCIA 05 – ESPELHO DO CONTRA – Aqui mais uma vez trabalharemos a ideia de "eu, meu corpo e o corpo do outro", porém, numa perspectiva que coloque em foco as diferenças.

Material: caixa de som, músicas diversas.

Você já deve ter visto ou vivenciado a atividade do espelho, onde uma cópia o movimento do/a outro/a. Esta é uma variação desta atividade.

Você vai solicitar que seus/suas alunos/as se dividam em duplas. Peça que escolham quem será o número 1 e o número 2 para a dinâmica. Sugira um dos dois números e este iniciará comandando, depois de algum tempo você poderá pedir para inverter.

Quem comandar iniciará fazendo seus movimentos e o/a outro/a deverá se opor, fazendo movimentos contrários.

Exemplo: Se o/a colega estiver dançando de pé, o/a outro/a deverá abaixar-se ou deitar-se. Se estiver para a esquerda, o espelho deverá ir para a direita. Se levantar os braços, o espelho deverá estar com os braços abaixados ou à meia altura e assim, sucessivamente.

Você poderá elaborar um quadro com algumas sugestões ou deixar a cargo da criatividade de seus/suas alunos/as.

Ao final, divida-os em grupos e utilize a ideia de movimentos contrários para criação de uma coreografia. Lance a proposta e permita que eles criem. O tema? “Ser diferente é bom”. Eles podem escolher uma música para desenvolver a temática. Lembre-se de pedir que utilizem os elementos da dança que já foram desenvolvidos até o momento.

> Ao final, provoque seus alunos quanto a ideia de ser o outro, de tentar reproduzir tudo o que outros corpos fazem. É mais fácil ser o meu corpo ou o corpo de outra pessoa?

Atividade inspirada em um momento da oficina de fotografia, intitulada “AARTE DO CORPO INSPIRADOR”, que aconteceu na cidade de São Luís, no ano de 2018, ministrada pela performer Lucilene Moreira.

VIVÊNCIA 06 – MEU CORPO, SEU CORPO, NOSSO ESPAÇO – Aqui, os alunos continuarão mantendo contato e explorando o espaço. Estão inseridos elementos da dança como níveis, amplitude, cadência, direções e trajetórias. Quanto aos elementos, você poderá reorganizar a atividade, para inserir aqueles que julga necessários para o momento.

Material: algum instrumento musical de sua escolha, caso não tenha, podes usar uma lata, uma caixa de papelão e um pedaço de madeira.

Você solicitará que os/as alunos/as que formem duplas e se desloquem pelo espaço aleatoriamente. Quando eles estiverem se deslocando, você poderá tocar o instrumento,

primeiro lentamente, depois aumente a velocidade, toque baixinho e depois mais alto. Faça variações e avise que seus movimentos deverão seguir essas mudanças.

Quando você para de tocar o instrumento eles/as deverão fazer um movimento brusco (forte) e parar em uma pose e “congelar” em um nível da escolha deles (alto, médio ou baixo). Lembre-se, eles terão que reagir rapidamente para essa parada.

Você poderá variar aumentando o número de pessoas juntas. Trios ou grupos de quatro ou cinco. O mais importante aqui, é que eles/as entendam que são diferentes, que pensam diferente, fazem escolhas distintas. E está tudo bem fazer suas escolhas e ser diferente dos outros. E que mesmo com toda essa diversidade, é possível conviver e usar o mesmo espaço de forma harmônica.

Para encerrar, vamos dançar? Você poderá ampliar a atividade e dividir a turma em apenas dois grandes grupos. Anote em um pedaço de papel a palavra forte e em outro a palavra suave. Solicite que cada grupo pegue um papel, eles deverão criar uma apresentação de um minuto a um minuto e meio, baseada em forte ou suave. Isto determinara a escolha da música e de seus movimentos.

Esta atividade foi inspirada no livro de ALMEIDA (2016), “QUE DANÇA É ESSA? ”

VIVÊNCIA 07 – OS SOMBRAS – Aqui você deverá solicitar que utilizem todos os elementos que já foram discutidos. Vamos trabalhar o poder da criação.

Material: caixa de som e músicas variadas.

Neste momento, você solicitará que seus alunos formem trios. Cada trio irá elaborar uma apresentação de 1 minuto a 1 minuto e 30 segundos, onde um será o corpo e os demais serão sua sombra. Você pode levar situações ou temas já anotados em diversos pedaços de papel dobrados. Ou pode deixar a cargo dos trios escolher a situação que irão representar.

Exemplo: Uma pessoa correndo da chuva com o guarda-chuva sendo levado pelo vento. Alguém fugindo de um cachorro bravo. Alguém tentando atravessar uma avenida movimentada fora da faixa de pedestre.

Você poderá sugerir três ou quatro músicas e eles escolhem de acordo com sua temática. Varie com músicas instrumentais, temas de filmes famosos e músicas mais populares.

Para finalizar, você poderá sugerir a construção de um festival. Cuja temática, poderá ser DIVERSIDADE CORPORAL. Cada uma de suas turmas deverá criar uma apresentação. Limite o tempo de apresentação. Sugerimos de um minuto e meio a dois minutos. Eles deverão escolher a música e elaborar a coreografia. Você professor/a, será um mediador/a. não deverá construir a coreografia, mas acompanhará as construções. E irá interferir caso de hajam conflitos ou surjam dúvidas.

4 OUTRAS SUGESTÕES

4.1 Atividades baseadas em outros autores

Para equilíbrio e postura, direção e trajetória, sugerimos a atividade encontrada em Almeida (2016, p. 89).

- NÃO PODE CAIR!
  Cada aluno/a deve caminhar pelo espaço com um pedacinho de EVA na cabeça, evitando deixa-lo cair. Caminhar de frente, de lado, de costas, girar, andar em linha reta, zigue-zague.
  Proponha diversas posições em equilíbrios estáticos com um ou dois pés apoiados no chão. Peça para que caminhem novamente e quando emitir um “sinal” deverão realizar um equilíbrio.
  Variação: ao final, poderá pedir que dancem como se estivessem equilibrando o EVA ou algum outro objeto na cabeça, nos ombros, nas mãos ou em quaisquer outras partes do corpo.

Para níveis, alto, médio e baixo, sugerimos mais uma vez Almeida (2016, p. 65):

- VIVO, MORTO OU ENTERRADO.
  Prepare cartões coloridos para os comandos: vermelho para vivo, azul para morto e verde para enterrado. Separe músicas variadas, leves e fortes.

Inicie com o tradicional morto vivo, porém, utilizando os cartões. Ao mostrar os cartões os alunos/as realizam a posição. Insira o cartão verde.

Explique os níveis para que eles/as possam associar a atividade: vivo= nível alto, morto = nível médio e enterrado = nível baixo.

Em seguida, você solicitará que se movimentem pelo espaço, a medida que for mostrando os cartões, eles irão dançar no nível correspondente.

Exibir dois ou três cartões ao mesmo tempo para estimular a transição entre os níveis. Vermelho e azul, depois verde e azul.

Para discutir sobre movimentos mecanizados e movimentos livres nos inspiramos nesta atividade, adaptada de um material encontrado em um guia de Educação Física para o ensino médio, da Secretaria de Educação do Paraná, publicado em 2006 na página 197.

- Escolha uma música que esteja fazendo sucesso na atualidade e deixe seus alunos se movimentarem livremente. Eles/as, certamente, terão uma coreografia pronta e automaticamente repetirão movimentos pré-estabelecidos.

  Após este momento, você irá questionar: todos criaram a mesma coreografia? E irá desafiá-los a se movimentarem novamente, porém, agora terão que criar seus próprios movimentos para a mesma

música. Deixando de lado a coreografia que “já faz sucesso”.

Ao final, você poderá iniciar um debate sobre os movimentos mecanizados, onde copiamos coreografias “da moda”, e assim, acabamos descentralizando quem não faz a mesma coreografia. Poderá propor também uma análise e reflexão das letras das músicas que fazem sucesso no cenário atual.

Fonte: freepik.com

4.2 Filmes para conversar sobre dança e outras temáticas

Ensinar através de filmes pode ser muito divertido, mas, também, desafiador. A escolha dos filmes, as discussões que poderão ou não acontecer posteriormente, tudo isso perpassa por uma linha tênue, que separa o assistir e aprender do apenas assistir, sem reflexões posteriores.

> Ensinar através de filmes é ir além da transferência de conhecimento. Usar o filme na sala de aula exige rigor metodológico, pesquisa, respeito pelos contextos e as linguagens que deverão ser trabalhadas para a construção dos saberes dos educandos. Ensinar com o cinema exige criticidade, curiosidade como uma inquietação indagadora, exige coerência entre a história do filme e as suas expectativas, inclusive, a aceitação ou rejeição que acontece pela intermediação (SILVA, 2019, p.11).

Gusmão (2007) afirma que, através da cultura do audiovisual, a escola pode possibilitar a difusão de conhecimentos, a formação de comportamentos, e a constituição de memórias sociais, ao organizar lembranças e vivências. Contribuindo para o surgimento, manutenção ou a transformação dos discursos, condutas, gostos e afetos.

Para tanto, elaboramos um quadro com indicações de filmes que possuem como temática central a dança, mas que, também, circulam por várias outras temáticas. Nos permitindo afirmar que dança, também é conhecimento e que é possível abordar outras temáticas importantes, através do dançar.

FILME		COMENTÁRIOS
Billy Elliot	Drama Classificação: 12 anos	Billy é um garoto que possui um talento natural para a dança, mas precisa lutar para manter seu sonho de dançar. A trama envolve relacionamento familiar, preconceito.
Dança comigo	Comédia, romance. Classificação: 12 anos	A trama envolve relacionamento familiar, autoconfiança, amizade. Um homem encontra na dança uma forma de ser mais feliz.
O poder do ritmo	Drama musical, romance. Classificação: não encontrada.	Envolve questões raciais, diferenças de classes, busca por sonhos, coragem.
No balanço do amor	Romance, drama. Classificação: 12 anos	Uma bailarina, que perde a mãe e enfrenta diversos problemas. Romance, questões raciais, insegurança.
A bailarina	Animação Para todas as idades.	Uma sonhadora menina órfã toma uma atitude arriscada: fugir para Paris e realizar o sonho de ser uma grande bailarina.
Let's dance	Drama, romance. Classificação: 14 anos.	Um dançarino de hip-hop, talentoso, porém, inseguro. Se torna professor em uma renomada escola de ballet em Paris. A trama envolve amor, relacionamento familiar, amizade.
E então nós dançamos	Romance, drama. Classificação: 16 anos	Uma história sobre maioridade, ambientada em limites conservadores.
Vem dançar	Drama/música Classificação: 12 anos	Conflitos de gênero, etnia, status social. Resoluções de dilemas pessoais.
Vamos todos dançar	Documentário Livre.	Passagem da infância para a adolescência, com as dúvidas e problemas da fase. Dança como método de incentivo de bons hábitos e socialização.
Sob a luz da fama: acampamento de dança.	Drama/música/comédia dramática Classificação: não encontrada	Alegrias e tristezas relacionadas ao amor e juventude. Sonhos relacionados a dança de um grupo de jovens

Fonte: freepik.com

4.3 Sugestões de textos

A utilização de textos para incentivar as discussões em sala de aula pode ser muito significativa. Visto que, muitos dos/as nossos/as alunos/as, necessitam de um ponta pé inicial para colocar seus saberes em público.

Utilizar textos, para leituras coletivas e posteriores reflexões, pode contribuir para que senão todos, mas uma parcela da turma se disponibilize a falar e contribuir de forma mais direta no desenvolvimento das aulas. Nossos alunos não são tabuas rasas ou folhas em branco. Eles trazem suas experiências e em alguns casos, só precisam ser desafiados para compartilha-las.

TEXTO 01: “Para os que dançam pelo prazer e não pela aparência”

Por Tatiane Melo - Equipe Interacto

O que eu preciso para aprender a dançar? Um bom sapato, uma roupa legal, e acima de tudo... Confiança em si mesmo!

Sim, é isso mesmo! Com o pouco tempo que tenho envolvida com o mundo da dança, pude aprender muitas coisas e a mais importante delas sem dúvida é acreditar em você! Aprender a dançar bem, é um processo tão complexo e intrigante quanto viver! Por isso, quando entramos numa sala de aula com o intuito de aprender a dançar, percebemos muitas vezes que possuímos uma noção errada do que é dançar bem, gerada pelo senso comum. É mais difícil do que pensamos e muito mais prazeroso quando aprendemos de verdade.

Por isso, acreditar em si mesmo, ter paciência e se permitir errar são fatores fundamentais no processo de aprendizado e muitos desistem precocemente, pois não é simples treinar tais habilidades. O que é uma pena, pois somente o fato de procurar uma escola e tomar a iniciativa já é de muito valor, sobretudo para aqueles que para isso, tiveram que vencer a timidez, a baixa autoestima, o receio de não corresponder às suas expectativas e também às dos outros.

Mas se você se permite, e com persistência continua, sem se comparar com os alunos que tem mais ou menos facilidade, é como mágica, quando você menos espera vem a compensação, você consegue enfim fazer algum movimento que não conseguia na aula passada e isso é muito bom. Porém, só tem este prazer quem persiste, quem tem coragem de errar e se expor não correspondendo muitas vezes aos padrões estabelecidos, mas ainda assim com uma evolução incrível! Sem contar a atividade física, o bem estar, a música, um sorriso, a interação social, dançar é maravilhoso!

Realmente a dança é como a vida, temos dias bons e dias nem tão bons assim, em que não nos tiram pra dançar, que não nos sentimos interessantes e dias em que aquela dama ou cavalheiro que esperamos o baile todo nos tiram para dançar, e isso nos enche de entusiasmo outra vez. E nem por isso, nos dias ruins desistimos da vida, certo? Lutamos e mesmo que todos nos rejeitem, que a vida nos feche portas, persistimos, e cedo ou tarde encontramos compensações. E a dança com certeza nos fornece elementos

para encontrar satisfação, nela como atividade em si e na vida, nos ensinando sobre como olhar a nós mesmos, como olhar o outro, nos ensinando a ter disciplina, paciência, concentração, disposição, alegria, romantismo, amor próprio, tudo em uma única atividade, temperando nossa vida com muito mais sabor, música e aprendizado constante!"

Encontrado em: http://grupoinovacao.blogspot.com/p/textos-de-danca.html

TEXTO 02 – Dançando e Conhecendo.

Conhecendo o Corpo

Como já disse anteriormente em outras postagens, nosso corpo é a ferramenta para o desenvolvimento da dança e dos movimentos que são complementados pela emoção que transmitimos através dele. Então toda atividade de dança que realizamos traz um conhecimento bastante íntimo do nosso corpo. Aprendemos seus limites, amplitudes e capacidade. Buscando a partir disso desenvolver cada vez mais nosso próprio potencial, melhorando nosso conhecimento do corpo e aumentando nossas fronteiras.

Atingimos esse conhecimento através dos estudos do movimento, desde sua elaboração até sua concepção, dando sentido a expressão representada por ele. Porque quando dançamos queremos sempre transmitir algo.

Conhecendo os Sentimentos

Quando elaboramos uma coreografia ou fazemos parte dela, somente como dançarinos, tanto para o coreógrafo quanto para quem irá executar a dança existe uma experiência de conhecimento que precisa ser desenvolvida. Essa experiência é a forma como vamos expressar os movimentos, tentando passar uma mensagem através da coreografia a ser executada. Damos vida ao espetáculo, interpretando a história da composição coreográfica. Essa expressão é um complemento importante e precisa muito da maturidade corporal e sentimental

do dançarino (a). Muitas vezes sabemos executar os movimentos com perfeição, mas eles se tornam vazios se não colocarmos a expressão. Devemos entender qual mensagem se deve passar.

Conhecendo a Cultura

Em todas as modalidades ou estilos de dança, existem uma profunda ligação histórica. De onde surgiu, quais foram as influências que sofreram. Em que época e local da história humana vieram, qual tendência foi seguida. Muitas danças são de fundo folclórico (representam a cultura de um povo), outras foram se aperfeiçoando e absorveram técnicas e influências de vários segmentos e povos. Algumas surgiram por acaso, outras foram criadas por uma necessidade de se expressar. Então devemos conhecer a fundo a história que envolve a modalidade de dança que praticamos, pois com isso fica mais fácil entender todo o conjunto de coisas que envolve essa modalidade.

Encontrado em: https://www.mundodadanca.art.br/2010/12/dancando-e-conhecendo.html

TEXTO 03 – A importância de preservar a dança *A importância na Infância*

A dança revela a alegria de se descobrir através da exploração do próprio corpo e das qualidades do movimento. É a arte de mover o corpo como um todo, estabelecida graças a um ritmo e a uma composição coreográfica. Na infância ela é de fundamental importância, pois oferece o desenvolvimento de hábitos saudáveis que podem modificar futuros aparecimentos de doenças crônicas enquanto adulto, além de propor maiores habilidades motoras para diversas atividades; redução de lesões; melhoria da adaptação social; etc.

A dança tem como objetivos:

- Trabalhar as capacidades físicas assim como o movimen-

to, expressão, musicalidade, literalidade, criatividade e socialização.

- Incentivar a prática da atividade física.
- Desenvolver o conhecimento da dança, os limites e a capacidade de aperfeiçoamento do (a) dançarino (a).
- Desenvolver a coordenação motora, equilíbrio e flexibilidade.
- Interação social com o grupo e entre si.

A importância da Dança (Mais considerações)

Ao passar dos dias, é notável a consciência da importância da dança como forma de expressão do ser humano. A dança hoje é percebida por seu valor em si, muito mais do que um passatempo, um divertimento ou um ornamento.

O desenvolvimento do ser humano como um todo se dá de maneira bastante ampla.

- TÁTIL – Sentir os movimentos e seus benefícios para o corpo.
- VISUAL – Ver os movimentos e transformá-los em atos.
- AUDITIVO – Ouvir a música e dominar o seu ritmo.
- AFETIVO – Emoções e sentimentos transpostos na coreografia.
- COGNITIVO – Raciocínio, ritmo, coordenação.
- MOTOR – Esquema corporal

Encontrado em: https://www.mundodadanca.art.br/2011/01/importancia-de-preservar-danca.html#:~:text=A%20dan%C3%A7a%20e%20sua%20import%C3%A2ncia,e%20das%20qualidades%20do%20movimento

Fonte: freepik.com

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Humanos. Eu. Você. E todas as outras pessoas. Sujeitos, não objetos.

Todas as experiências que nos permitiram chegar aqui foram transformadoras. Não somos mais os mesmos corpos de antes de toda essa pesquisa. Pré-conceitos sobre corpo foram colocados em discussão. Corpos foram colocados em movimento. Ideias em suspensão. Temos a clareza de que alguns pensamentos não foram modificados, pois mudar exige tempo e pessoas dispostas a mudar (pensamentos, posturas, atitudes).

Porém, acreditamos que o olhar sobre nós mesmos/as e sob o/a outro/a (nossos e dos alunos), começará a desenvolver-se de outra forma. Diria até de uma forma mais respeitosa. Percebemos mudança nas falas antes e depois da experiência na escola, aumento da participação

nas atividades, de quem, inclusive, se recusou a participar inicialmente. É possível fazer todos os corpos dançarem na escola. Para além do dançar, é possível que nossos alunos transformem seus olhares sobre temáticas importantes e urgentes, como seu próprio reconhecimento enquanto corpo.

> Reconhecer o outro como sujeito é o princípio de convivência solidária. E "conviver" significa "viver com" o outro (que também sou eu), ampliando com ele (e comigo) possibilidades de realizações comuns, sem os limites das fronteiras do preconceito. (RANGEL, 2013, p. 30).

Deveríamos nos enxergar por uma ótica mais humana, capaz de compreender que somos todos iguais, mesmo diante de todas as nossas diferenças.

Enquanto educadores, também somos exemplo, somos espelho. Inspiramos vidas. Salvamos vidas. De várias formas. Acredite!

Não é fácil trabalhar com turmas superlotadas, muitas vezes sem materiais. Mas isso não deveria ser impedimento para fazermos nosso trabalho com o mínimo de qualidade possível. Quando pensamos em aula de dança na escola então, parece que surge uma avalanche de pontos negativos e obstáculos.

Formações para os professores, participação dos/as alunos/as, espaço adequado. Se pensarmos

minuciosamente sobre esses fatores, a coisa não acontece. Pois sempre terá algo nos impedindo.

Diariamente vamos lidar com as diferenças de os nossos alunos na escola. O fato de serem tão diversos vai nos possibilitar vivenciar muitas situações, que podem ter características positivas ou não.

Trabalhar em grupo, lidar com as características do outro. Respeitar as individualidades. Não é fácil lidar diariamente com tudo isso, nem desenvolver maneiras para que nossos alunos se compreendam e compreendam os outros, enquanto corpos distintos, capazes dentro de suas possibilidades, cada um a sua maneira. E isto é difícil porque o mundo (a escola) naturalmente nos cobra ser melhores. Melhores para quem?

Falar sobre corpo e sobre estas diferenças através de outra ótica que não a da biologia não é algo rotineiro nas escolas, mas é necessário. Principalmente quando situações disseminadoras de preconceito e falta de respeito passam a acontecer com frequência. E quando muitos enxergam isso como algo “normal”. Não é normal diminuir outras pessoas por conta de suas características, físicas, sociais ou de qualquer outro aspecto. Você pode pensar que essa discussão não é responsabilidade sua. Enquanto professor/a você está lá para ensinar os conteúdos, certo? Errado.

Há muito tempo, nossa missão como educadores ultrapassa os muros das escolas. Os acontecimentos e problemas que não estão no currículo também são importantes e merecem atenção. Lidamos diariamente com pessoas. Seres humanos que todos os dias (des) aprendem, se transformam e transformam (lugares e pessoas)

Falar sobre temáticas apara além dos conteúdos formais não é mais trabalho, é uma necessidade. É urgente. E adivinhe só? Os conteúdos de sua disciplina podem ser usados para tal.

No caso deste material, nos referimos a dança. Que é sim, capaz de transformar corpos, conceitos e atitudes. Através da dança é possível libertar corpos, de si mesmos e dos outros. É possível fazer corpos dançarem na escola. E para além do dançar, é possível transformar corpos e vidas.

Não é fácil, mas podemos nos colocar à disposição. “Direção é mais importante que velocidade”. Não sabemos quem disse isso, mas transformar pessoas, perpassa pela ideia de saber onde queremos chegar e traçar estratégias para isso. Transformar pessoas não é como um estalar de dedos, exige planejamento, disposição e confiança. Acreditar que pode dar certo.

Então? Vamos juntos/as

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de S. **Que dança é essa?:** uma proposta para educação infantil**./** Fernanda de Souza Almeida. – São Paulo: Summus, 2016.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. soc**. vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2011.

CAETANO, Márcio. **Os gestos do silêncio:** para esconder a diferença. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Educação Física / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. –248 p. ISBN: 85-85380-32-2.

GASPARI, T. C. Atividades Rítmicas e expressivas nas aulas de Educação Física. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. (Org.). **Pedagogia Cidadã**: Cadernos de Formação em Educação Livro didático na dança Motriz, Rio Claro, v.18, n.1, p.176-185, jan./mar. 2012 185 Física. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, 2004, p. 139-158.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. **Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI.** 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. **Motriz.** Vol. 3, nº 1, junho/1997.

MARQUES, Isabel. Notas sobre o corpo e o ensino da dança. **Caderno Pedagógico,** Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje:** textos e contextos / Isabel A. Marques. - 6¨ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. (1975). **A estrutura do comportamento** (J. Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Texto original publicado em 1942).

MILANI, Amanda Gabriele. **Gênero nas aulas de educação física**: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo / Amanda Gabriele Milani. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro Orientador: Suraya Cristina Darido - Rio Claro, 2015, 174p.

MOSKA, Paulinho. **O Corpo.** Através do espelho-Ao vivo no rival. Rio de Janeiro, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf Em: 18/02/2020.

RANGEL, Mary. Desigualdades e seus efeitos na autorrepresentação. In: CAETANO, Márcio. **A escola diante da diversidade** Marcio Caetano, Jonas Alves da Silva Junior; organizadora Mary Rangel. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. 108p.: 21cm. p. 15-30.

SALLES, L. M. F., SILVA, J. M. A. P. E. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas

reflexões. **Cadernos de Educação**, *1*(30), 149-166. 2008.

SCARPATO, Marta T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 53, abril/2001.

SILVA, Deleon Souto Freitas da. **O uso do cinema na escola**: a construção de aprendizagens a partir de filmes. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Patos – PB, 2019.

A AUTORA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica na Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Gerontologia Social e Saúde do Idoso pela Universidade Federal do Maranhão. Possui graduação em Educação Física, licenciatura plena, pela Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física - GEPPEF - UFMA. Atuou como professora de Educação Física na rede SESI - Serviço Social da Indústria (Escola Anna Adelaide Bello) e na Faculdade Pitágoras como professora no curso de Educação Física, em São Luís. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em educação física escolar (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), projetos sociais e atividades para a terceira idade.

LATTES: http://lattes.cnpq.br/7095663733968749

O ORIENTADOR

Graduação em Educação Física e Técnicas Desportivas pela Universidade Federal do Maranhão. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2003). Especialista em Ciências e Técnicas da Ginástica Olímpica pela Universidade Gama Filho (1994)Atualmente é professor associado do Departamento de Educação Física na Universidade Federal do Maranhão, docente do mestrado profissional em artes- da Universidade Federal do Maranhão PROFART-UFMA , docente do Programa de Pós- Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica PPGEEB--UFMA, . Lider do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física. Pesquisador e Coordenador Adjunto do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer da Rede CEDES do Estado do Maranhão. Pós Doutorando em Educação, junto ao Grupo de Pesquisa; Corpo, Educação e Cultura- COEDUC/PPGE/UFMT. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase nos seguintes temas: Corpo, Educação,Dança na escola, Danças tradicionais, Diversidade étnico racial, Estética. Autor do livro “ O Bumba meu Boi como Fenômeno Estético: Corpo, Estética e Educação/ EDUFMA.

LATTES: http://lattes.cnpq.br/2070306377562824